



Relação entre a percepção infantil de comunicação parental negativa e estresse infantil auto-reportado por crianças

EDUARDO ARALDI DIDONÉ¹; RANY JERONIMO ROCHADEL¹; LUCAS NUNES FONSECA¹; GUSTAVO ANTONIO STRAPASSON¹; LEONARDO ROLOFF¹; LARISSA LAILA DALLAZEN¹; TELMO LAURENCE ACUNHA SOLÉ FILHO¹; BRENDA PREVEDELLO FIORINI¹; KAREN JANSEN¹; LARISSA HALLAL RIBAS

¹ Universidade Católica de Pelotas (UCPel);

rochadelrany@gmail.com (48)996271183

INTRODUÇÃO

Comunicação Negativa investiga maneiras inadequadas dos pais falarem com seus filhos, tanto em conteúdo, como forma de expressão, com ameaças, xingamentos, gritos, humilhações, o que pode ser prejudicial à criança.

OBJETIVO

Relacionar a comunicação negativa parental, reportada por crianças, com estresse infantil auto-relatado.

MÉTODO

Estudo transversal, aninhado a um estudo maior de base escolar, realizado com 585 crianças de sete a oito anos de idade, regularmente matriculados no terceiro ano do ensino fundamental de 20 escolas da rede municipal de uma cidade do sul do Brasil. Foram excluídos participantes que por questões cognitivas fossem incapazes de responder aos questionários. Foi aplicado consentimento informado aos pais. Estudo aprovado no Comitê de Ética, protocolo 843.526. Comunicação negativa foi avaliada pelas crianças através da Escala de Qualidade da Interação familiar. Estresse infantil auto-reportado pelas crianças foi avaliado pela Escala de Stresse Infantil. Considerando um nível de significância de 5% e um poder de 80%, foi possível testar hipóteses com r de 0.15 ou mais. Para teste de hipóteses, utilizou-se Correlação de Spearman. Considerou-se estatisticamente significativas as correlações com $p < 0,05$.

RESULTADOS

A maioria das crianças era do sexo masculino (51,8%), de 8 anos de idade (55,7%), cor da pele branca (63,4%) e morava com mães e pais (62,1%). A maioria dos questionários foi respondida pelas mães (84,7%). Comunicação negativa materna ($r=0.424$, $p < 0.001$) e paterna ($r=0.436$, $p < 0.001$) correlacionam-se positivamente com sintomas de estresse infantil reportado pelas crianças avaliadas.

Table 1: Characteristics of the evaluated sample.

Variables	Sample description
Sex*	
Feminine	287 (48,2%)
Masculine	309 (51,8%)
Age*	
Seven years old	264 (44,3%)
Eight years old	332 (55,7%)
Skin color*	
White	378 (63,4%)
Not White	218 (36,6%)
SDQ Respondent*	
Mother	505 (84,7%)
Father	52 (8,7%)
Grandparents	30 (5,0%)
Others	9 (1,5%)
Who the child lives with*	
Mother	186 (31,2%)
Father	18 (3,0%)
Mother and father	370 (62,1%)
Does not live with parents	22 (3,7%)
Outcomes*	
Self-reported childhood stress	43 (29,59)
Emotional problems	6 (3,9)
Behavioral problems	7 (3,11)

*Absolute and relative frequency; *Median and interquartile ranges.

CONCLUSÃO

Pior forma de comunicação parental pode ter relação com mais sintomas de estresse nas crianças avaliadas, pois, na ausência de um atenuante psicossocial, como um relacionamento protetor, seguro e/ou um cuidador carinhoso, pode ocorrer resposta mal adaptativa, com desregulação imunobiológica no eixo hipotalâmico-hipofisário, caracterizando estresse tóxico infantil. Considera-se que os achados não devem ser generalizados para demais faixas etárias. Incentiva-se pesquisas futuras, longitudinais, que ampliem a faixa etária. Encorajamos a comunicação positiva dos pais com os filhos, com adequação de conteúdo de acordo com a idade da criança, com níveis mais altos de discussão, através de conversas regulares sobre o dia a dia e plano das crianças, e que os pais estejam abertos ao diálogo de forma autoritativa, não-autoritária.

REFERÊNCIAS

- 1-Hosokawa R, Katsura T. Exposure to marital conflict: Gender differences in internalizing and externalizing problems among children. *PLoS One*. 2019;14(9):e0222021.
- 2- Kuppens S, Ceulemans E. Parenting Styles: A Closer Look at a Well-Known Concept. *J Child Fam Stud*. 2019;168–81.
- 3- Selem MA, Amer RA, Romeh AH, Hamoda HM. Demographic and clinical characteristics of children seeking psychiatric services in the Nile Delta region: an observational retrospective study. *Int J Ment Health Syst*. 2019;66–66.